



**A RELEVÂNCIA DO TRABALHO DE ARTESANATO DAS MULHERES NA
COMUNIDADE RURAL DE COQUEIRO CAMPO
MINAS NOVAS/MG**

Camila de Almeida Flores
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
camilageografa@yahoo.com.br

Gisele Oliveira Miné
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
gisa_mine@yahoo.com.br

Ana Jacqueline Sales Santos
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
quele.sales@bol.com.br

Maria Aparecida Tubaldini
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
ubaldini1@uol.com.br

Lussandra Martins Gianassi
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
lussandrams@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo compreender o papel da mulher na dinâmica do desenvolvimento econômico, social e cultural da comunidade rural de Coqueiro Campo localizada no município de Minas Nova/MG. Para tal finalidade buscamos compreender também as origens históricas e sociais que produziram a realidade dessa comunidade rural, pertencente ao Vale do Jequitinhonha. O Vale, dicotomicamente, é uma região de Minas Gerais marcada por grandes problemas econômicos e socioambientais, mas ao mesmo tempo é rica na produção artística e cultural. Centraremos neste trabalho nossa atenção nas atividades desenvolvidas pelas artesãs ceramistas de Coqueiro Campo. O estudo perpassa a análise de gênero porque essa é uma atividade mantida, reproduzida e transmitida pelas mulheres.

Palavras-chave: Gênero. Artesanato. Espaço rural. Pluriatividade.

Introdução e fundamentação

Os aspectos de gênero, cultura, étnicos e religiosos são temas centrais de pesquisas que visam a análise das relações sociais na contemporaneidade. O Vale do Jequitinhonha é marcado por uma diversidade cultural e sociocultural que se revelam nas manifestações culturais, marcadas tanto por traços de cultura indígena, negra e camponesa. Tais manifestações envolvem grupos folclóricos, conjuntos arquitetônicos e artesanatos.



Nessa região, as questões relacionadas ao gênero estão presentes em várias comunidades, em especial na Comunidade rural de Coqueiro Campo, localizada no Município de Minas Novas - Minas Gerais.

Assim, buscamos através do projeto pesquisa-ação financiado pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG)ⁱ - que se desdobrou em uma pesquisa específica de bolsa - cujo tema é “Estudo de gênero em Comunidade de Agricultoras Artesãs: o Trabalho das Mulheres na Comunidade de Coqueiro Campo”, que investigou o papel da mulher no desenvolvimento local enfocando seu trabalho no artesanato. A pesquisa também objetivou resgatar as origens históricas e sociais que produziram esta particularidade nesse espaço rural.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida conjuntamente entre professores, bolsistas e mestrandos do laboratório de Geografia Agrária Terra e Sociedade IGC/UFMG durante o ano de 2011.

A justificativa pela escolha da comunidade de Coqueiro Campo é devido ao fato desta ter como uma das principais atividades a produção do artesanato em cerâmica que é desenvolvida pelas mulheres desta comunidade; e também por serem agricultoras rurais, realizando trabalho pluriativo e multifuncional no rural.

Ao longo dos 12 meses do desenvolvimento da pesquisa, janeiro a dezembro de 2011, investigamos como é repassado de geração a geração os saberes da arte da produção da cerâmica e qual a importância dessa produção para a comunidade em tempos passados e presentes, tanto do ponto de vista cultural quanto econômico.

Breve contextualização sobre o Vale do Jequitinhonha

A região do Vale do Jequitinhonha é marcada pela sua paisagem exuberante produzida pelo relevo com predominância de chapadas cortadas por depressões em vales, conhecidas localmente por grotas. São nessas grotas que se encontram os melhores locais para plantios, devido à qualidade da terra e a disponibilidade hídrica.

Por esses motivos nestas áreas se concentram as atividades agrícolas de pequeno porte, subsistência e policultura, feita pelos lavradores, agricultores familiares que habitam estas áreas. Já o topo das chapadas com vegetação originalmente de Cerrado e Campos Sujos tem baixa fertilidade e uma menor disponibilidade hídrica se comparada às regiões das grotas. Os topos das chapadas até os anos de 1970 constituíam importante



espaço para a família dos agricultores familiares, eram áreas de utilização coletivas por eles. Onde se criava pequenas quantidades de gado, pequenas plantações pontuais e se praticava o extrativismo de plantas, frutos, raízes e folhas para fins medicinais.

São as mudanças a partir da década de 1960/70 em nosso país que alteraram essa paisagem atribuindo nova funcionalidade capitalista. A partir da segunda metade do século XX o Brasil passou por uma série de mudanças econômicas, sociais. Nesta época os programas de governos, principalmente federal, propagandeavam uma grande necessidade do desenvolvimento econômico e social do país. Uma série de programas, projetos e planos nacionais passaram a ser elaborados e executados no intuito de concretizar o desenvolvimento propagandeado.

Nos anos 1970, com o chamado milagre econômico, essas ideias e objetivos dos desenvolvimentistas ganham corpo e suas implementações se fortaleceram. Neste período uma série de programas, bancos de desenvolvimentos começam a surgir e desenvolver obras e projetos por todo o país. Estudos econômicos e sociais que antecederam o planejamento desses projetos em geral tinham o objetivo de perceber quais as desigualdades nacionais e regionais que entravavam as possibilidades econômicas e sociais do desenvolvimento brasileiro.

Para o campo brasileiro esses projetos/programas representaram fortes mudanças na produtividade e organização agrária e social. A “modernização agrícola” ou “revolução verde” como ficou conhecida representou investimento em regiões rurais na busca do aumento da produtividade. Estes investimentos, entretanto não representaram um desenvolvimento para todo o rural e nem distribuição de renda. Em geral beneficiou indústrias siderúrgicas e grandes proprietários de terra, promovendo a expulsão e expropriação de terras dos posseiros, lavradores das regiões (MOURA, 1988, P.51).

Esse processo de modernização agrícola provocou inúmeras transformações no espaço rural brasileiro, como agravamento da pobreza, êxodo rural, proletarização e crescimento descontrolado das metrópoles. Do mesmo modo, são notáveis os impactos ambientais decorrentes desta forma de desenvolvimento, como a deterioração dos solos, a contaminação dos recursos hídricos, devastação de florestas e desertificação dos solos (GUIVANT, 1995, p.101). No espaço rural, o avanço das técnicas e das empresas ligadas ao setor agrícola reduziu as possibilidades de reprodução social e econômica da população no campo provocando uma reestruturação deste espaço.



No Vale do Jequitinhonha este processo social é evidenciado através das ações governamentais em programas desenvolvimentistas voltados para esta região. E nesse sentido, na década de 70, a monocultura de eucalipto foi a principal atividade incentivada, o que, por sua vez, ocasionou no agravamento socioeconômico das populações carentes do meio rural. As exuberâncias das paisagens das chapadas são alteradas, o Cerrado e o Campo Sujo dão lugar a grandes plantações de monocultura de eucalipto e os antigos “donos” dessas chapadas, os agricultores familiares, perdem lugar para o produto enviado diretamente para as grandes siderúrgicas.

Mesmo após as alterações ocorridas no cenário agrário as populações rurais locais continuaram desenvolvendo estratégias de adaptação e em certo ponto de resistência para garantir sua permanência no campo. Para Galizone; Ribeiro (2010, p. 239/240) a população rural do Jequitinhonha organizou, ao longo do tempo, sistemas produtivos adaptados ao meio e às suas condições materiais com base em três pilares: o trabalho familiar; com um amplo conhecimento da natureza “*que permite o que coletar, onde plantar, como utilizar os recursos naturais disponíveis*”; e no uso comunal dos recursos naturais, sobretudo a água e as áreas férteis. Estas relações interativas que a população mantém com o ambiente permitiram um amplo conhecimento sobre a dinâmica do meio e sobre os sistemas produtivos.

Uma das estratégias desenvolvidas no Vale, principalmente pelas mulheres, para garantir sua permanência na região foi à produção do artesanato. Esta produção ocorre devido ao conhecimento das possibilidades apresentadas pelos recursos naturais da região e a técnica de manuseio do barro para produção da cerâmica. Vale ressaltar que, a visibilidade do artesanato do Jequitinhonha no Brasil decorreu em função do incentivo de políticas que fortaleceram esse saber-fazer - órgãos como a Empresa Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER) nessa área a partir de 1994 (SAP, 2010).

Nesta pesquisa pretendemos investigar qual a relevância do papel da mulher na comunidade Coqueiro Campo, Minas Nova/MG, a partir do seu trabalho com o artesanato. Buscando ainda identificar as contribuições culturais, sociais e econômicas deste trabalho para as artesãs e para a comunidade em geral. Situiremos esta análise no contexto histórico e social em que se produziram estas particularidades nesta área rural. Assim este trabalho soma-se a outros estudos que buscam compreender e analisar as questões de gênero das mulheres nas regiões rurais. Enfocamos o trabalho pluriativo e



multifuncional das mulheres artesãs, sua atividade doméstica e não domésticas, além das atividades agrícolas e não agrícolas.

Apontamentos metodológicos

Com o objetivo de concretizar os objetivos dessa pesquisa realizamos uma diversificada metodologia que abrange: levantamento bibliográfico sobre os principais temas da pesquisa; trabalhos de campo; participação em reuniões da associação dos moradores/artesãs e oficinas de artesanato; além de realizarmos entrevistas semiestruturadas e questionários segmentados por sexo e idade para investigar costumes relacionados ao meio, ao trabalho e ao cotidiano dos moradores da comunidade.

As diversas atividades metodológicas se justificam pela proximidade que proporciona ao grupo de pesquisadores dos atores locais. Além de permitir um maior convívio com a realidade regional e local, o que proporciona uma maior compreensão da realidade das famílias. Tal convívio amplia consideravelmente as possibilidades de articular as leituras bibliográficas realizadas e a sua relação com as experiências em campos.

As pesquisas de gênero e sobre o espaço agrário apresentam uma complexidade que ao serem abordadas por uma única metodologia pode restringir o entendimento do objeto da pesquisa e provocar a redução e generalizações equivocadas. Porém mesmo quando há a conjugação de metodologias de pesquisa, ocorre o predomínio de uma delas. Assim, de forma geral esta pesquisa é guiada por técnicas qualitativas que se explicam pelos objetivos centrais do estudo que é compreender qual a importância da mulher, suas atividades sociais, econômicas e culturais para a comunidade de Coqueiro Campo e de si mesmo. Esta técnica permite que o objeto da pesquisa e os sujeitos sejam analisando sem fragmentações, como bem define Miriam Goldenberg,

Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduo e deles próprios, são sujeitos e objeto de suas pesquisas. Nesta perspectiva, que se opõe a visão positivista de objetividade e de separação radical entre sujeito e objetivo da pesquisa, é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam. Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significados. (GOLDENBERG, 1997, p. 19).



Esta técnica permite que a pesquisa tenha liberdade para se concentrar na análise mais geral de uma realidade social e inferi-la sobre a vida de cada indivíduo ou também a partir da análise da realidade social de um indivíduo propor generalizações sobre a sociedade em que está inserido. Mas independente de qual aspecto se estude - o objeto da pesquisa - o importante dentro dessa forma de trabalho é que ela permite uma grande aproximação do pesquisador com seu objeto de forma plena e não fragmentada.

Concomitantemente foram feitas análises pontuais de dados e estatísticas produzidas ao longo do desenvolvimento do projeto.

Em ciclos/núcleos acadêmicos é comum tanto no debate teórico, filosófico quando na prática se opor às metodologias como se eles fossem excludentes e não complementares. Outros núcleos/ciclos já concebem as metodologias como complementares e não opostas e excludentes. É na perspectiva desse segundo grupo acadêmico que realizamos a pesquisa.

A combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno, conhecida como triangulação, tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social. Enquanto os métodos quantitativos pressupõem uma população de objetos de estudo comparáveis, que fornecerá dados que podem ser generalizáveis, os métodos qualitativos poderão observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimentada concretamente, a realidade pesquisada. A pesquisa qualitativa é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente. É inegável a riqueza que pode ser explorada nos casos desviantes da "média" que ficam obscurecidos nos relatórios estatísticos. Também é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. A premissa básica da integração repousa na ideia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance de outro. Os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares. (GOLDENBERG, 1997, P.63)

A importância da escolha da metodologia utilizada foi possível devido aos levantamentos bibliográficos, realizados na primeira parte da pesquisa, e estudos prévios que aprofundaram os conhecimentos sobre o tema. Nesta etapa aprofundamos também os conhecimentos sobre as questões teóricas ligadas a questão de gênero e o rural buscando uma literatura que abrangesse o mundo desses atores sociais.



Resultados alcançados e discussão

Ao decidir abordar a importância das atividades das mulheres artesãs como o objeto central de estudo, se fez necessário compreender como se articulavam as atividades cotidianas realizadas por elas. Para isto analisamos suas mais diversas atividades que vão desde o plantio na roça, passando pelas tarefas domésticas e chegando à produção do artesanato e sua comercialização. Os estudos desses aspectos e sua interligação trazem como pano de fundo a análise da realidade rural local, até a realidade agrária do Vale do Jequitinhonha.

Ao abordarmos uma realidade com o pano de fundo sendo o meio rural é importante definir quais conceitos e concepções norteiam o nosso olhar. Nesta pesquisa consideramos o rural não como uma extensão do urbano, uma periferia dele, hierarquicamente desvalorizado e dependente social e economicamente. Compreendemos o rural como um espaço diferente do urbano e sem uma hierarquização de um ou outro. A ruralidade neste sentido é um ambiente social e historicamente construído com simbologia e tradições próprias que produz um modo de vida e tradições próprias, “O que é, afinal, a ruralidade? Neste trabalho ela é entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano”. (KARAM, 2004, p. 306).

A partir dessas reflexões analisaram-se as atividades desenvolvidas pelas artesãs como estratégia para a manutenção da agricultura familiar com simbologia um saber fazer próprios do ambiente agrário que estão inseridas. Desta forma, a diversidade das atividades agrícolas das regiões rurais do Brasil surge como estratégias de permanência e resistência a transformações sofridas a partir dos anos de 1970.

Em Córrego do Coqueiro, o processo de modernização das décadas de 60/70 reestruturou esta lógica de uso e ocupação quando o Estado concedeu amplas áreas das chapadas às empresas monoculturas de eucalipto o que acarretou sérios problemas socioambientais como limitação das áreas comunais e o agravamento da escassez de água, comprometendo e tornando mais árdua as atividades agropecuárias de caráter familiar dos habitantes locais.

As consequências deste processo são evidenciadas pela redução das oportunidades de trabalho no campo e pelo intenso fluxo migratório na região, sobretudo, dos homens



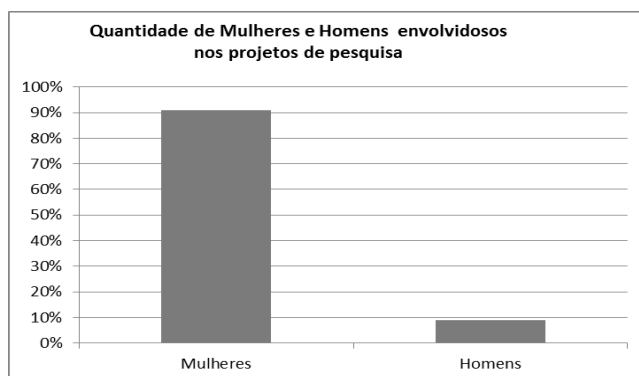
para corte de cana-de-açúcar e cata do café no sul dos estados de MG e SP e consequentemente o aumento das atividades desempenhadas pelas mulheres.

Neste contexto, a mulher assume grande parte das atividades na propriedade rural como, os afazeres cotidianos do lar, a criação dos filhos, o desenvolvimento da agricultura e, em algumas comunidades do Vale do Jequitinhonha, o desenvolvimento do artesanato em cerâmica.

Vale ressaltar que, anteriormente ao processo de modernização agrícola brasileiro, as mulheres de Coqueiro Campo e do Vale do Jequitinhonha como um todo já continham o saber fazer artesanato em cerâmica. Esse saber auxiliava as mulheres no trabalho doméstico como na produção de vasilhas, potes e jarros para uso cotidiano e não comercial como é utilizado atualmente em função das limitações trazidas pela modernização agrária.

Nesse novo contexto social, nota-se que a mulher tem um papel central na família, coordenando estas questões e atividades variadas. Esta centralização ocorre em parte pelo processo de migração dos homens para os empregos sazonais, mas também por uma característica própria da mulher de procurar desenvolver novas estratégias frente aos desafios no meio rural. O número de mulheres envolvidas nos projetos desenvolvidos na região é significativamente superior ao número de homens. A pesquisa sobre o artesanato da região ocorre conjuntamente a estudos de produção de alimentos, agroecologia e sistemas agroflorestais e a participação feminina supera a masculina como podemos visualizar no gráfico a seguir.

Gráfico 1: Participação em projetos por gênero



Fonte: Trabalho de campo, 2011

Para compreender como a participação e iniciativa feminina é ativa devemos fazer uma análise que se apoia nos dados numéricos, mas que não se limite a eles, ou seja, que combinar aspectos qualitativos e quantitativos, abarcando profundamente a realidade



estudada. Vários autores, Karam (2004, p. 309); Jucélia Santos (2004, p. 36), apontam como a mulher ao longo das últimas décadas têm sido pioneira na busca por inserir novas técnicas e atividades no ambiente agrário brasileiro.

Dois processos importantes na comunidade de Coqueiro Campo ilustram estes apontamentos. Tanto a tenda de farinha, que pertence à associação de agricultores, como a organização e construção da associação de artesãs existente nessa comunidade somente foram possíveis com a participação efetiva delas como mostra a fala de uma artesã sobre o início o processo de organização da associação das ceramistas,

oh gente eu acho que eu vou em Minas Nova ver com o Secretário da Cultura pra ver se a gente consegue um jeito de por as peças nossas”... porque nós não tinha onde vender, nós não tinha loja, nós não era associação [...] Ai, Dona Rosa foi em Minas Nova, Adão cedeu um espaço lá na casa de cultura para a gente expor. [...] E depois com o passar dos meses a gente resolveu forma a associação que ai Luiz e Mariza deu para nós umas coisa. [...] Em 94 a gente conseguiu registrar a Associação. (Antiga artesã da comunidade rural de Coqueiro Campo)

Outros aspectos no projeto mais relacionados ao estudo da produção de alimentos e agroecologia mostram um esforço maior das agricultoras-artesãs em praticar as novas técnicas agrícolas: plantar sem uso de agrotóxico, produção de sementes em bandejas, construção dos túneis para as hortas, além de serem elas que na maioria das vezes se encarregam das trocas de sementes/mudas entre vizinhos e de envolver os demais membros das famílias nestas atividades.

Este comportamento nas relações familiares, com os vizinhos e na comunidade em geral é fundamental como percebemos e apontam vários estudos. É através das conversas, visitas e encontros que se constroem as redes de informações e trocas de experiências nessa localidade. Esta rede foi e ainda hoje são fundamentais para a atividade do artesanato da região, as artesãs quando descobrem um novo oleio uma nova técnica, um barro diferente, trocam entre si esses produtos ou fazem circular a informação de onde e como conseguir fazer.

Assim na conservação e transmissão do saber fazer, a manutenção das tradições e também à relevância da participação feminina. São elas que têm a “tarefa” de manter os conhecimentos e ensinamentos das comunidades. As curandeiras da comunidade vão ensinando de geração em geração as curas usadas para as doenças e enfermidades. A culinária os pratos, doces, quitandas, produção de queijo, rapadura são transmitidas



entre as gerações pela fala delas. Ao manter a transmissão do saber e fazer na comunidade se mantém também a cultura, as tradições daquele povoado. Não é passado apenas o que se faz, mas sim como se faz e porque ao longo do tempo foi se fazendo de tal forma.

No ambiente rural as tradições tem uma importância muito grande, pois são nos costumes que estão presentes as simbologias e significados do modo de vida do rural, suas formas de ver e viver o mundo. A manutenção desses costumes é tão arraigada que pode passar despercebida se temos um olhar desatento devido à naturalização dessas práticas e sua forma dispersa no dia a dia da vida. São no decorrer das tarefas cotidianas e através da oralidade que esses saberes veem sendo mantidos e revalorizados.

A manutenção do saber fazer e costumes são percebidos na própria produção do artesanato. Todas as artesãs relataram que o aprendizado das técnicas foi passado por mulheres, em geral pelas mães, e quando não foi transmitida pela figura materna foi por alguma outra mulher da comunidade. Estes ensinamentos foram assimilados gradativamente e não de forma concentrada e rápida em um curso ou oficina. Mesmo quando estas acontecem é no decorrer do dia a dia, no próprio desenvolvimento da produção que as experiências vão sendo repassadas e assimiladas.

O resgate da história do artesanato de Coqueiro Campo pela pesquisa foi realizado através do relato das artesãs. Estes foram registrados em gravações para que ao final desta etapa seja produzida uma cartilha com objetivo de registro escrito que permita que essa história não se perca e possa ser mais divulgada.

Este artesanato tem raiz, como dizem as artesãs, em Campo Alegre, outro povoado do Vale do Jequitinhonha, e com a mudança de cidade pelas artesãs que se casam, estas trazem outros barros para sua comunidade de origem, enriquecendo e diversificando a arte da cerâmica, ao passo que reforça os laços de solidariedade entre as mulheres.

No início, a produção de cerâmica era de utensílios domésticos, como afirmamos anteriormente, após alguns anos, com o estabelecimento e reconhecimento – em função dos projetos de valorização da arte jequitinhonhense - em Coqueiro Campo esta produção de cerâmica mudou o foco e passou a produzir peças para enfeites e decorativas. Esta produção, paulatinamente, vem ganhando espaço e hoje em dia são as peças principais, com destaque para as bonecas e noivas.



Figura 1: Peças de noivas e noivos, Coqueiro Campo



Fonte: Valéria Amorim, 2011

Figura 2: Bonecas de barro, Coqueiro Campo



Fonte: Pedro Costa, 2011

SANTOS (2006) no seu estudo sobre a comunidade Quilombola da Olaria, em Irará-Bahia, relata como as tradições da comunidade existem atualmente graças a essa prática da oralidade mantida pelas mulheres. Neste estudo a autora destaca como os costumes quilombolas e as técnicas da produção da cerâmica foram mantidas por várias décadas mesmo quando aparentemente havia desaparecido. Nas últimas décadas o debate e as manifestações das tradições quilombolas, indígenas e a produção artesanal regional ganharam relevância nacional. Neste cenário, esta arte ressurgiu com força total.

A relevância dessas tradições surgiu de tal forma no presente porque ao longo do tempo foram bem assimiladas internamente nas comunidades. No Jequitinhonha ocorre situação semelhante à estudada em Olaria de Irará. Salvo as devidas particularidades, várias comunidades tradicionais surgem no cenário regional e nacional com destaque para estas fortes tradições.

Outro aspecto que chamou a atenção durante a pesquisa é a relação das mulheres com as estratégias de resistência e permanência das famílias agricultoras no meio rural como apontadas por Galizone e Ribeiro (2010). São estratégias de reprodução econômicas e sociais, que reorganizam o trabalho frente à diversidade apresentada na ruralidade brasileira e agravada pelas consequências da chamada “revolução verde”. Alguns autores têm caracterizado este fenômeno social de pluriatividade e refere-se,

as situações sociais em que os sujeitos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, que por sua vez, não



estão necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra (SCHNEIDER, 2003, p.100).

De acordo com Silva; Grossi (1999) estas novas atividades desempenhadas no espaço rural têm sido denominadas de o “novo rural brasileiro”. O novo rural caracteriza-se pela combinação de atividades agrícolas com atividades não-agrícolas. Neste contexto, tais autores citam várias atividades relacionadas a este novo rural, como agropecuária, atividades ligadas à moradia e lazer (como turismo rural), prestação de serviços, artesanatos entre outros (GRAZIANO; GROSSI, 1999, p.170). No rol destas transformações destaca-se uma ampliação e diversificação do papel da mulher no campo.

Em Coqueiro Campo esta pluriatividade se faz presente na agricultura, no lar e no artesanato desenvolvido pelas mulheres. A maioria das artesãs divide as tarefas da produção das cerâmicas com os afazeres domésticos, cuidar de casa e dos filhos, e as atividades agrícolas voltadas para consumo próprio e venda quando ocorre excedente não consumido no lar. Observamos ainda o desenvolvimento do turismo solidário, realizado por parte de algumas ceramistas, viabilizado por projetos do governo federal. Elas recebem visitas de turistas, em alguns casos inclusive fazendo sua residência de hospedagem, e apresentam aos visitantes as tradições regionais, do artesanato, culinária, religiosas e outras. Essas atividades aproximam a comunidade rural estudada dos aspectos da multifuncionalidade, que as dotam de possibilidades de melhora de qualidade de vida, muitas vezes recebendo pessoas do urbano, os quais trazem renda e viabilizam a reprodução social desses sujeitos no rural em formato mais moderna, hoje amplamente estudado por teóricos da geografia agrária.

No que tange às estratégias econômicas desenvolvidas por estas mulheres, o artesanato representa a principal atividade e fonte de renda de alguns grupos familiares, o que vem possibilitando não somente o melhoramento das condições de vida da família, mas também gerado oportunidades de trabalho e o desenvolvimento comunitário. Esta importância do artesanato é notável nas falas das artesãs de Coqueiro Campo,

eu não tinha muito interesse, mas assim que as necessidades foram aumentando, as precisão foram acumulando [...] Eu imaginei que isso poderia dar uma coisa, uma renda melhor para mim do que você sair para trabalhar. Ai eu me dediquei fui começando [...] deu, graça a Deus, ter meu lugar pra mim morar tudo com artesanato... sozinha, graça a Deus, hoje eu sozinha com dois filhos conseguir fazer essa casa dentro de sete anos. (Artesã de Coqueiro Campo)



O retorno financeiro proveniente do artesanato é notado pelas artesãs, suas famílias e por toda a comunidade. A região de Minas Nova, Município ao qual pertence Coqueiro Campo, é conhecida como um dos pólos da produção artesanal de Minas Gerais e do Alto Jequitinhonha. As artesãs dessa região cumprem uma agenda anual, expondo em muitas feiras e a participação delas sempre é destacada, como ocorre sempre na Feira Nacional de Artesanato de Belo Horizonte, que terá sua 23ª nesse ano de 2012. Recentemente elas iniciaram a venda de suas peças para o exterior como mostra a matéria vinculada na internet Artesãos mineiros exportam pela primeira vez para a Europa⁶.

O artesanato de Coqueiro Campo, que anteriormente fora praticado para uso doméstico pelos antepassados de alguns membros da comunidade, hoje tem seu uso resignificado. Ganhou usos decorativos de grande beleza, apreciado por públicos regionais, nacionais e até internacional, através de exposições de seus produtos em feiras em várias partes do País.

Em relação ao retorno econômico para as artesãs e comunidade, na fala a cima fica explícito que o valor obtido pela produção da cerâmica é significativo, é através desta renda que a mulher consegue criar os dois filhos e construir sua casa. Em geral as residências das artesãs - que já estão inseridas no ramo há alguns anos - se destacam na paisagem da cidade, são casas que tem uma construção mais bem elaborada. Uma década atrás este retorno financeiro era oriundo da migração sazonal para São Paulo e Minas Gerais, onde aqueles que conseguiam migrar vários anos seguidos notadamente tinham uma maior estabilidade financeira.

Gráfico 2: Amostra de entrevistas

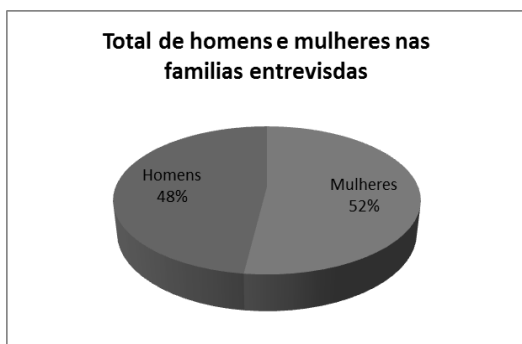
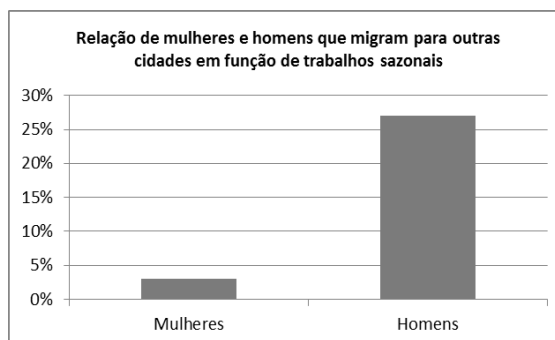


Gráfico 3: Relação de migrantes por gênero



Fonte: Trabalho de campo, 2011



Quando analisamos a quantidade de homens e mulheres das famílias envolvidas na pesquisa verificamos que existe um equilíbrio em relação à quantidade numérica de ambos os sexos. Entretanto quando analisamos o fluxo migratório de cada um deles percebe-se como o índice de mulheres que migram é muito inferior.

A enorme diferença percebida entre a porcentagem de mulheres e homens que migram não existe exclusivamente em função do artesanato, estudos realizados pelas pesquisas do Projeto CNPq/MDA/ICA/UFMG⁷ têm indicado que as aposentadorias e bolsas governamentais são fatores a serem considerados. Mas ele é um dos principais fatores dessa discrepância em Coqueiro Campo. Em relação ao fluxo migratório geral apresentado, cerca de 30%, dos membros das famílias entrevistadas migram. Notamos que estes valores são relativamente pequenos em relação a outros distritos da região que não conseguiram desenvolver estratégias relevantes e ainda continuam dependendo da migração como uma das principais fontes de renda para a família.

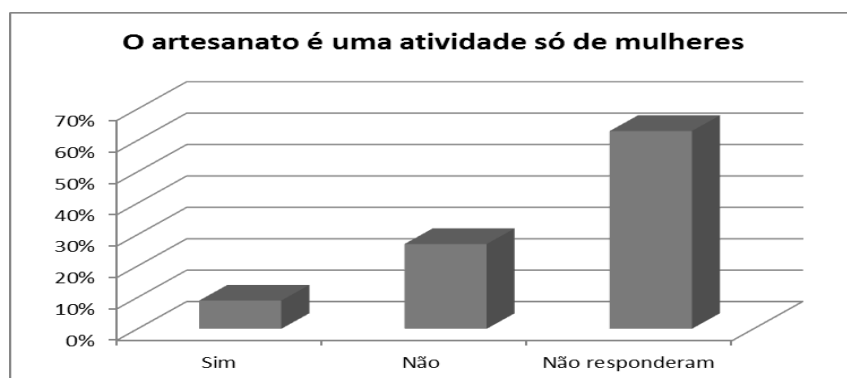
Outro aspecto que indica como o artesanato tem um papel determinante na queda da migração é quando observamos que são as mulheres estão mais envolvidas nesta atividade e seu índice migratório é bem menor. Várias artesãs relataram que as filhas, afilhadas iniciaram o aprendizado do artesanato com elas e perceberam que era mais rentável que outras atividades na comunidade ou em Minas Novas ou em outras cidades de Minas Gerais e São Paulo. O relato de uma artesã de Coqueiro campo é um bom exemplo disso, antes de se dedicar ao artesanato ela trabalhava na casa de sua madrinha, uma artesã antiga da cidade que lhe ensinou a profissão. Quando passou a dominar o ofício deixou o serviço na casa da madrinha e dedica-se hoje exclusivamente ao artesanato.

A predominância feminina na produção das peças de barro é uma característica observada nessa comunidade pela pesquisa e em estudos sobre outras comunidades artesãs. Sônia Missagia de Matos (2001) em seu estudo sobre masculinidade e feminilidades na arte do barro relata como começou a surgir características masculinas nesta atividade. Em geral a participação masculina aparece em fases bem específicas da produção, que são a queima e o levantamento de peças grandes. Em Coqueiro Campo apenas um artesão participa da associação. Porém várias artesãs relataram que durante o momento de socar e peneirar o barro e a queima conta com a ajuda de filhos ou dos maridos.



Apesar dessa participação masculina no trabalho do barro, continua sendo uma atividade identificada como feminina e faz parte da construção simbólica de dois mundos distintos em que homens e mulheres são concebidos em nossa sociedade. As identificações com os aspectos de gênero são internalizadas de forma tão forte que quando questionamos os entrevistados sobre o artesanato ser uma atividade exclusivamente de mulher vários respondem que não e a maioria não respondem alegando que não pensaram nisso ou não tem uma opinião clara.

Gráfico 4: Opinião sobre o artesanato e sua relação com o gênero



Fonte: Trabalho de campo, 2011

A maioria dos entrevistados não respondeu a esta pergunta e poucos afirmaram que o artesanato é exclusivamente para mulheres. É importante em estudos futuros dedicar mais atenção ao aprofundamento dessas questões, porém a própria dúvida representa uma reflexão que ainda não foi feita já que na prática do dia a dia estes aspectos não são percebidos porque a realidade é a predominância feminina na atividade. Mesmos para os entrevistados que afirmam que não é uma atividade só para mulheres no decorrer da entrevista estes acabam demonstrando que não visualizam uma real participação masculina na atividade do barro, como demonstra a fala de uma artesã “*Porque menino homem não tem muito interesse nessas coisas é muito difícil, né. Sempre a gente vê as mulheres colocando a mão na massa mais*” (Artesã de Coqueiro Campo). Uma leitura possível da resposta e a fala da artesã, que apesar de considerar que os homens podem se incorporar no artesanato do barro, eles têm que desenvolver habilidades femininas como o trabalho manual mais delicado.

Além da habilidade manual mais desenvolvida existem outros fatores simbólicos que envolvem a arte do barro. Jucélia Santos (2010) refere-se a esta atividade como uma extensão das atividades domésticas que desde criança são assimiladas pelas meninas. Indica que as ceramistas mais antigas contam que a facilidade que as mulheres

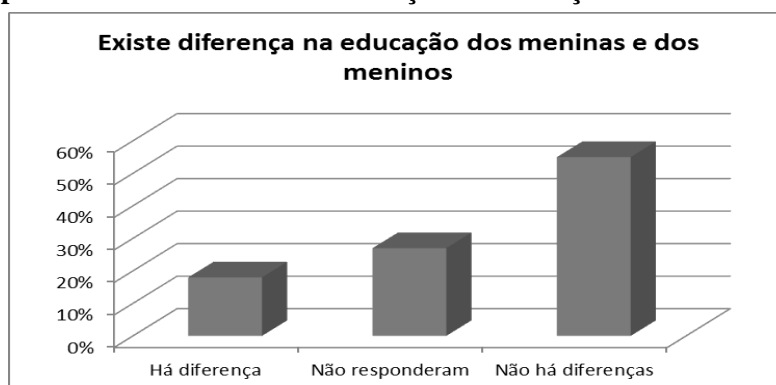


adquirem vem da produção de peças de uso doméstico e enfeites, além das meninas logo substituírem as brincadeiras com as bonecas pelos serviços da casa como cozinhar, arrumar a casa e também as técnicas de moldar o barro.

Na sociedade em geral e no meio rural, principalmente, os papéis sociais são bem definidos e reproduzidos, ensinados através da educação cotidiana. Por isso, ao se identificar e legitimar a produção do barro com o universo doméstico automaticamente ele é inserido no ambiente feminino. A descrição da forma de produção do barro mostra que as artesãs produzem as peças em casa e normalmente nos fundos onde fica o forno. Por isso quando um homem decide se dedicar ao artesanato ele decide entrar no ambiente feminino e romper com papéis pré-estabelecidos pela sociedade. Sônia Missagia (2001) aponta que uma atitude importante na afirmação masculina é quando um rapaz entra na adolescência e consegue se firmar em um trabalho remunerado. Se este fica em casa produzindo cerâmica pode ocorrer uma quebra desses papéis e até certo constrangimento social.

Outro elemento controverso é a forma como eles visualizam a educação dada aos meninos e meninas. Quando questionados uma parcela considera que sim, praticamente o dobro considera que não e a maioria não respondeu a pergunta, como mostra o gráfico 5. Para os entrevistados que consideram ser diferente a educação para meninos e meninas é notável a correspondência da resposta com os papéis sociais estabelecidos e a importância dada a isto. A porcentagem que respondeu à pergunta negativamente considera que ambos aprendem de tudo quando mais novos e quando deixam a infância é que ocorre diferenciação na educação. Ou seja, na medida em que as crianças crescem e vão se tornando adultos é que os papéis sociais são assimilados. Essa forma de pensar é a mesma comentada anterior, da naturalidade e podemos perceber isto também pelo fato de aqui o percentual que não responde ser elevado, como na pergunta relatada anteriormente.

Gráfico 5: Opinião dos adultos sobre a educação das crianças



Fonte: Trabalho de campo, 2011



Um dado interessante quando analisamos conjuntamente os aspectos de gênero e educação é a opinião dos entrevistados sobre o aprendizado recebido dos pais. Poucos não responderam e apesar de ser uma pergunta qualitativa, ou seja, aberta onde o entrevistado pode se expressar livremente, aqueles que responderam foram taxativos logo no início: com pai aprenderam serviço de roça e com a mãe serviço domésticos e de roça. Posteriormente ao continuar a resposta e descrever o que aprendiam ampliam o debate, com o pai aprenderam o serviço de roça - o mais pesado, principalmente, fazer cerca o que é justificado pela necessidade da força física - e com a mãe serviços domésticos e roça. No trabalho de Sonia Matos (2001) ela observa esta diferenciação entre os trabalhos realizados e relaciona com a identidade de gênero que cada função têm:

Pode ser observado um sistema de oposições muito marcado entre o território da “roça” e o da “casa”, além de uma associação entre os serviços considerados “pesados” (a “roça”) e a masculinidade, e os serviços considerados “leves” (a “casa”) e a feminidade. (MATOS, 2001)

Na relação das atividades apreendidas com os pais identificamos a existência de uma oposição das funções femininas e masculina, onde podemos identificar a separação de vários opostos: atividade de força e atividade de jeito, serviço domésticos e não domésticos. Nesta oposição não ocorre uma hierarquização social das funções, elas simplesmente são diferentes, necessitam de qualidade “naturais” distintas.

Porém existem outras relações entre as responsabilidades e atividades desenvolvidas por homens e mulheres em que ocorre hierarquização de forma determinante. Tal fenômeno existe porque “*as noções de masculino e feminino envolvem um relacionamento de oposições hierárquicas. E, a despeito do modo pelo qual essas noções são empregadas*” (MATOS, 2010, p.60).

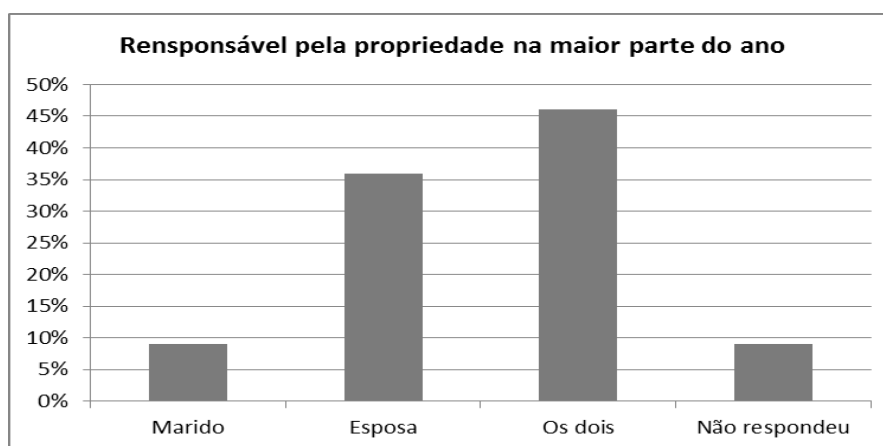
Em Coqueiro Campo esta oposição e hierarquia das funções sociais podem ser notadas na responsabilidade pela propriedade. Apesar de crescer o número de mulheres “chefes” de família ou responsável pelo lar é o homem quem na grande maioria das vezes é o responsável ou “chefe” do lar. Normalmente esta atribuição esta diretamente ligada à responsabilidade financeira que este assume frente às despesas. Diferentes de outras comunidades envolvidas na pesquisa nesta as mulheres são responsáveis pelo lar de



forma significativa, cerca 35%, sendo que os homens não chegam a 10%. Porém o intrigante é a quantidade de mulheres que não assumem que exercem esta posição e apontam como se os dois fossem responsáveis.

Uma das artesãs que se encontra neste percentual afirma que a maior renda da casa é proveniente do artesanato, notamos ao longo da pesquisa e durante a própria entrevista como é ela quem decide sobre as questões gerais como a funcionalidade do lar, a mudanças, obras, etc. Porém quanto questionada sobre quem é o responsável pela propriedade na maior parte do ano, ela pensa e assinala que são os dois. Em torno 45%, como mostra o gráfico, dos entrevistados assinalaram desta forma percentual que também só ocorre nesta comunidade.

Gráfico 7: Responsável pela propriedade ao longo do ano



Fonte: Trabalho de campo, 2011

A mudança da colocação das mulheres na propriedade do lar e na comunidade se relaciona com a sua produção artesanal, que além do retorno financeiro é reconhecido pela importância cultural e social. Desta forma a mulher e suas funções sociais são valorizadas e ressignificadas como mostra os dados à cima.

Considerações finais

Ao longo dessa pesquisa ficou nítido como a mulher desempenha um papel relevante na comunidade de Coqueiro Campo. Este papel ocupado por elas foi construído ao longo das últimas décadas na medida em que suas atividades domésticas, agrícolas, no



comércio, na vida cultural e social. A sua participação nas novas estratégias de permanência e resistência das famílias agricultoras é reconhecida por toda a comunidade não só pelo retorno financeiro, mas pela importância cultural e histórica que representa.

Nos aspectos ligados a socioeconômica do núcleo familiar tem desempenhado o papel de criar oportunidades de geração de renda para a comunidade. Fator, por sua vez, tem refletido na diminuição do número de migrantes da comunidade, ao longo tempo, e contribuído para fixação da população local.

As heranças culturais e sociais da região do Vale do Jequitinhonha onde esta comunidade localiza-se são reconhecidos e valorizados nacionalmente, devido à riqueza que representa no aspecto artístico e cultural. Dessa forma, a região de Minas Gerais está presente em toda a história do Vale e do Brasil, seja pelas riquezas minerais, pelas riquezas geográficas, pela pobreza, pelas intervenções do estado, seja pela riqueza cultural e social que apresenta. O Vale muitas vezes é lembrado por apenas uma dessas características, mas conhecê-lo plenamente é ver, ao mesmo tempo, suas dicotomias, representadas pela sua riqueza e pobreza: social, econômica e cultural.

O trabalho das ceramistas da região e particularmente as da Comunidade de Coqueiro Campo permitem através do seu trabalho esse conhecimento pleno da região. Na arte do barro elas transmitem a sua realidade com seus significados sociais e culturais. Suas peças trazem consigo histórias, lendas, mitos, angústias e alegrias do povo do Jequitinhonha. Seja nas bonecas de noivas, onde notamos as expressões das mulheres e a reprodução dos seus vários momentos, a juventude, a noiva, a senhora, seja nos animais, suas flores pintadas nas cerâmicas ou moldadas nela. Com esse trabalho de valorização do Vale, as artesãs conquistam um espaço importante na comunidade, resignificam seu papel na comunidade e o papel da mulher na sociedade em geral.

Assim percebemos como os trabalhos das mulheres de Coqueiro Campo apresentam uma relevância social, cultural, histórica e econômica para toda a comunidade. Estas considerações iniciais levantam a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre os diversos aspectos que este estudo abordou, devido à contribuição que estes apresentam para a maior compreensão da agricultura familiar, do agrário brasileiro, sua realidade e seu papel em nosso país.



Notas

¹ Projeto FAPEMIG: Ações de capacitação para promover cidadania aos agricultores(as) familiares das comunidades tradicionais quilombolas e de Moça Santa e Misericórdia em Chapada do Norte – MG e artesãs de Minas Novas no Vale do Jequitinhonha. Pode ser acessado pelo site da UFMG na plataforma SIEX pelo número 400976.

¹ Matéria “Artesãos mineiros exportam pela primeira vez para a Europa” vinculada na página do SEBRAE.

² Pesquisa do Projeto CNPq/MDA/ICA/UFMG que analisam os programas de distribuição de renda. A pesquisa citada é realizada pela equipe: Eduardo Magalhães Ribeiro- Pesquisador do CNPq e professor do Instituto de Ciências Agrárias, Eduardo B. Ayres - Bolsista do CNPq e aluno do Instituto de Ciências Agrárias e Flávia M. Galizoni - Professora do Instituto de Ciências Agrárias.

Referências

ASN- Agencia Sebrae de Notícias, matéria “Artesãos mineiros exportam pela primeira vez para a Europa” disponível em :<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia/12626267/ultimas-noticias/artesaos-mineiros-exportam-pela-primeira-vez-para-a-europa/>. Acessado em novembro/2011

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, c1997. 107p.

GRAZIANO DA SILVA, José. O Novo Rural Brasileiro. Campinas, IE/UNICAMP. 1999.

GUIVANT, J. S. “A agricultura sustentável na perspectiva das ciências sociais.” In: VIOLA, E. et al. (org.) Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, Florianópolis: UFSC, 1995.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004 .

LIMA, Gerson Diniz, Agricultura camponesa em territórios de comunidades quilombolas rurais no Alto Jequitinhonha - Minas Novas/MG / 2010 - (Dissertação de mestrado) .

RIBEIRO, Eduardo Magalhães (org.). Feira do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Universidade Federal de Lavras, 2007. – (Coleção BNB Projetos Sociais, n.1). 244p.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães et al. Agricultura familiar e programas de desenvolvimento rural no Alto Jequitinhonha. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Dez 2007, vol.45, no.4, p.1075-1102.



SANTOS, Jucélia Bispo dos. Relações de Gênero e Produção de Cerâmica na comunidade Quilombola da Olaria, em Irará-Bahia. In: Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v.1, n.1,p.134-147, jan. / jul. 2010.

SAP nº 159 - Nos campos do Vale: cerâmica no Alto Jequitinhonha. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Iphan / Ministério da Cultura. 2010, RJ.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Fev 2003, vol.18, no.51, p.99-122.